



O ROMANCE BRASILEIRO COMO INTERPRETAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DO PAÍS

BRAZILIAN NOVEL AS POLITICAL AND SOCIAL INTERPRETATION OF THE COUNTRY

Edison Bariani¹

RESUMO: O romance brasileiro do século XIX foi, basicamente, a primeira forma de interpretação da vida social e política brasileira, antecedendo as ciências e mesmo a filosofia. Por meio dos principais romances desse período é possível promover uma compreensão da vida social e política no Brasil, com uma riqueza de detalhes que, muitas vezes, as ciências negligenciaram.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Romance. Política. Sociologia

ABSTRACT: The Brazilian novel of the nineteenth century was basically the first form of interpretation of Brazilian social life and politics, predating the science and even philosophy. Through the major novels of this period it is possible to promote an understanding of social and political life in Brazil, with a richness of details that has often been neglected by sciences.

KEYWORDS: Brazil. Novel. Politics. Sociology.

¹ Doutor em Sociologia, edisonbariani@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O romance é o primeiro gênero a dar relevo social à vida privada. No Brasil do século XIX, a sociedade civil surgia lentamente, *ab ovo*, e o Estado predominava, não havendo clara separação entre ambos, assim como entre o público e o privado, bem como entre o privado e o pessoal. Logo, o romance terá como palco, em geral, a vida pessoal, a família, o círculo de agregados e os vínculos de favor, de clientela, de apadrinhamento e relações pessoais conforme uma hierarquia baseada no prestígio e que, em certa medida, desenvolvia ascensão e domínio baseados na combinação do prestígio com a renda.

Essa pouco orgânica sociedade, forjada a partir de laços comunitários, despontava como continuidade do círculo pessoal, dando ao romance um caráter provinciano e temas e problemas locais, restritos ao convívio dos grupos primários. Já o Estado, centralizado e pouco modernamente burocrático (no sentido weberiano), erigia em dominação o poder pessoal, familiar e estamental, deixando os benefícios ou sanções governamentais, muitas vezes, à discricção das relações pessoais. A

carreira política e mesmo o funcionalismo público eram benesses cobiçadas pelos ambiciosos e apaniguados, respectivamente, daí os romances brasileiros do período estarem repletos de jovens que se aventuram na política para se locupletarem pessoalmente, angariando afetos e privilégios numa rede de clientelismo político.

METODOLOGIA

Isso posto, no Brasil, o romance nasce na primeira metade do século XIX e, numa formação social em construção, cujo Estado, embora centralizador e isolado, era predominante e dele não se distinguia a sociedade civil, ainda sob o domínio de laços comunitários, o Romantismo expressa valores comunais e toma a sociedade possível como a “boa sociedade”, restringindo-a aos círculos da convivência superior, elitizada.

No Realismo e Naturalismo, a análise subsidiária ou cientificista será o *leitmotiv* do romance, cujas aventuras explorarão as formas e explicações da vida social, assimilando e adequando ao cenário nacional as conquistas literárias e científicas de um mundo distante, mas que

curiosamente parecia indicar as perspectivas de futuro desse novo mundo – uma vantagem e uma armadilha da modernidade vista da periferia.

O romance, como gênero, nasce na Europa, onde avançava o capitalismo, constituía-se uma sociedade moderna e instituíam-se o Estado-nação, inserindo-se numa época que moldava sua construção, configurada numa forma que indisponha o indivíduo com o grupo, indicando o exílio e a solidão do homem com a perda da comunidade.

Entretanto, tais condições não se davam no Brasil, um país recém-colonizado, muito recentemente tornado independente da metrópole, escravista, com uma população rarefeita num território imenso, uma cultura tradicionalista, com um Estado distante e impermeável às demandas sociais mais amplas, uma sociedade civil frágil, na qual predominavam estamentos, persistiam castas e emergiam classes sociais. Um mundo não moderno, uma ex-colônia nos trópicos, um entreposto periférico do capitalismo mundial produzindo mercadorias por meio de um sistema escravista, eis o cenário no qual aponta o romance europeu.

A despeito de ser uma forma importada, transplantada a partir de suas raízes europeias, o romance como gênero é aqui assimilado e transformado conforme as circunstâncias locais, reconstruído a partir da experiência cultural de outros gêneros e adaptado às condições históricas e sociais de vida no Brasil.

RESULTADO

Assim, o romance brasileiro foi constituído com base numa forma moderna transplantada para uma sociedade não moderna. Tal sociedade não se configurava como o passado da Europa ou linearmente postada num estágio anterior à modernidade europeia, mas que, como formação periférica em relação aos países centrais, trilhava um percurso particular para a modernidade, reunindo aspectos sociais distintos, que correspondiam a épocas e a condições diferentes do desenvolvimento da modernidade na Europa.

Amalgamavam-se elementos sociais distintos e historicamente justapostos, forjados em condições específicas e sobre o terreno movediço da vida nos trópicos. Logo, havia o romance de tomar aqui mais

que a “cor local”, e sim reorganizar-se como gênero, conteúdo e forma para emoldurar uma vida social que se distanciava significativamente das condições europeias.

A forma romanesca aqui adquiriu especificidades que, longe de extrapolar o gênero, conferiu à produção um aspecto senão original, ao menos distinto, peculiar. Gênero moderno que transplantado de galho da sociedade moderna e cosmopolita, rebrota na comunidade periférica de modo senão original, ao menos autêntico, paradoxalmente contemporâneo, e pautado não só pelo atraso da novidade, mas também pela novidade do atraso.

Ambigualmente, o romance aqui chegado com atraso atualiza-se; comunicando-se numa língua estrangeira, adquire o sotaque e depois a expressão nativos; e, tendo atracado com uma bagagem moderna, veste-se com as cores locais, demonstrando o quão flexível e cheio de potencialidades seria o novo gênero.

Por ser uma forma moderna assimilada numa sociedade não moderna, o romance adequou-se às circunstâncias, interpretando a vida e o mundo de modo particular, de modo a

projetar uma visão da existência social distinta não somente da vida social na Europa, obviamente, mas também daquela projetada pelas ciências sociais e pela filosofia no Brasil, mormente pela sociologia. Menos apegado aos conceitos e formas de interpretação canonizados, como a ciência local subsidiária da vigente no velho continente, o romance, embora assimilando a forma importada, mostrou-se despreocupado do uso canônico e reverente do conteúdo, ocupando-se de tentar captar a existência local sem recorrer demasiadamente aos recursos importados, ao contrário da ciência.

Razoavelmente livre da necessidade de legitimar-se como forma, o romance debruça-se sobre o local sem prender-se às imposições doutrinárias, bebendo direto na fonte da vida e do mundo sem as mediações e as obrigações dos conceitos, mormente científicos, dando a ele mais precocemente a possibilidade de interpretar a vida social na periferia sem prender-se demasiadamente aos instrumentos usados nos países centrais. Não obstante o peso da tradição europeia e do cânone ocidental, a práxis literária romanesca propiciava um conhecimento que,

mesmo sem uma completa distância em relação aos modelos centrais, permitia a invenção baseada numa relativa autonomia da criação, pois o estético desfruta de maior liberdade do que o científico, bem como possui distintas formas de legitimação que o extremo rigor dos padrões e da anuência das comunidades científicas.

Nesse sentido, é notória a mudança do romance brasileiro em termos de conteúdo, uma vez que os temas, os cenários, os tipos, os personagens e as ações são modeladas conforme a existência local. Já a forma, embora ainda acuse muito da influência central, vai sendo reelaborada devido à assimilação conforme a linguagem, os instrumentos e as formas literárias preexistentes. Ambos, conteúdo e forma, ao se fundirem e se reelaborarem, dão um aspecto peculiar ao romance nacional, distinguindo-o de seu congêneres europeu.

DISCUSSÃO

Assim, o romance brasileiro – embora construído com base na forma épica moderna que opõe o herói ao mundo e simboliza a vida como essa peregrinação em busca de sentido – ganha contornos próprios. Uma vez

problematizada e arrefecida essa tensão, o herói local, vivendo num ambiente comunitário e pouco propício às intempéries dos espaços altamente socializados, nos quais a luta entre interesses e vontades dos distintos indivíduos é concentrada e intensificada pela densidade social, tende a conciliar com as circunstâncias ou aceder aos fatos da vida, reftreando o espírito contestador e reivindicatório.

Tal aquiescência frente ao mundo torna o herói razoavelmente ajustado à vida, quando não prostrado frente à tradição. Sua revolta torna-se desconforto, sua batalha torna-se refrega e suas reivindicações pautam-se menos pela transformação de seu espaço vital que lamento pela não contemplação de suas indulgentes aspirações. Numa sociedade altamente hierarquizada e baseada no prestígio social, a identificação e a conformação ao lugar social são quase imediatas, pouco sobrando de potencial e espírito transformadores, haja vista que o horizonte da vida mostra-se limitado pela tradição ou ofuscado pela conformação.

A fraca individualização de uma sociedade não moderna não provia o herói do potencial de distinção e desajuste em relação ao grupo

social, bem como o predomínio de uma estrutura estamental e a sobrevivência de castas numa economia escravista não propiciavam uma consolidação das classes sociais, tornando os conflitos entre grupos algo mitigado, tergiversado, que nublava o horizonte dos antagonismos sociais, tornando mais problemático e menos frontal o enfrentamento existencial.

Relativamente preso aos imperativos da tradição comunitária, o herói confunde a própria trajetória com um destino natural e percebe a existência problematizada menos pelas circunstâncias da socialização no entrechoque de vontades que por meio da naturalização da estrutura social como forma implacável da finitude da vida.

A angústia que acomete esse herói não provém da solidão no interior da multidão, nem da impotência frente à guerra de vontades e ações num mundo cuja atuação solicita escolhas, mas devido, sobretudo, à percepção de que as escolhas são extremamente limitadas, as decisões escapam ao seu alcance e a influência nos desígnios finais está vedada aos indivíduos. Seu medo não é de ser devorado pelo Leviatã social num mar de impessoalidade, nem de ser arrastado

pela massa, essa onda furiosa de interesses egoístas e mesquinhos, muito menos ser pulverizado pelas hélices dos motores da racionalidade burocrática, seus processos lógicos e sem finalidade aparente num oceano de desencantamento.

Os temores do herói do romance brasileiro do século XIX estão relacionados à sofreguidão do indivíduo que se percebe como tal, mas vê ancorada sua iniciativa pelo peso estamental da conservação num grande lago comunitário de valores tradicionais; sua ação é sempre no sentido de libertar-se, mas o pavor do naufrágio o faz mover-se lentamente na profundidade das águas do destino comum compartilhado. Dado à percepção de sua insignificância frente à vastidão inabalável que ameaça engoli-lo, desespera-se em ações que demonstram mais a angústia patética de ser salvo que propriamente a volúpia de salvar-se, na placidez atemorizante desse mundo, age como quem perde os remos de uma pequena embarcação, prostrado num lago de calma que, na isenção dos ventos, condena o indivíduo à impotência da espera da mudança que está a cargo das forças tomadas como “naturais”.

O romance protagonizado por esse herói é, sobretudo, o lamento da perplexidade desse herói num mundo cuja eternidade natural da comunidade e da tradição degelam lentamente frente aos ventos ígneos da modernidade, sua insegurança provém da percepção do esvaimento do seu mundo, sua falta de entusiasmo provém da intuição de que a brevidade de sua vida não o permitirá ver o florescimento dos novos tempos. Daí sua angústia ambígua pela novidade, que anseia pela aceleração do tempo e já lamenta pela perda da tradição, que sonha com um futuro ainda nostálgico do passado, vivendo num presente esmagado pelas impossibilidades da ação transformadora.

Todavia, essa vida que “apodrece em silêncio” será, a partir da segunda metade do século XIX, transformada.

A psicologia do herói romanesco é o campo de ação do demoníaco. A vida biológica e sociológica está profundamente

inclinada a apegar-se a sua própria imanência: os homens desejam meramente viver, e as estruturas, manter-se intactas; se os homens, por vezes acometidos pelo poder do demônio, não excedessem a si mesmos de modo infundado e injustificável e não revogassem os fundamentos psicológicos e sociológicos de sua existência, o distanciamento e a ausência de deus efetivo emprestaria primazia absoluta à indolência e à autossuficiência dessa vida que apodrece em silêncio. Súbito

descortina-se então o mundo abandonado por deus como falta de substância, como mistura irracional de densidade e permeabilidade: o que antes parecia o mais sólido esfarela como argila seca ao primeiro contato com quem está possuído pelo demônio, e uma transparência vazia por trás da qual se avistavam atraentes paisagens torna-se bruscamente uma parede de vidro, contra a qual o homem se mortifica em vão e insensatamente, qual abelhas contra uma vidraça, sem

atinar que ali não há passagem. (LUKÁCS, 2000, p. 92).

Ao final do século XIX, o demônio da modernidade surgirá impávido no horizonte, fazendo com que tudo que era sólido e estável se volatizasse, tudo o que era sagrado fosse profanado (MARX, ENGELS, 1998, p. 69).

O romance, ao seu modo, forneceu interessantes subsídios para o conhecimento da vida social no Brasil do século XIX. Entretanto, com raríssimas exceções, os esforços e conclusões romanescos na interpretação da vida social, embora bastante úteis e inovadores, serão rejeitados pela sociologia brasileira, afetada por sua fragilidade e insegurança quanto à consolidação como ciência e inebriada por vagas ambições institucionais e acadêmicas.

CONCLUSÃO

Assim, aqui o romance é o pioneiro na tentativa de construir um mito da criação e unidade nacional; a esboçar uma explicação da gênese do povo brasileiro; a conferir interesse à vida privada e relacioná-la com a vida

pública; a postular uma origem do Estado brasileiro; a salientar a peculiaridade e originalidade da formação social; a explicitar as condições de vida no campo e insinuar a cidade como lócus primordial, embora ainda provinciano, da sociabilidade; a analisar os grupos e a estrutura social; a esboçar uma tipologia do homem brasileiro em suas hierarquias e regionalidades; a construir explicações do caráter nacional; a avaliar a influência do meio e da “raça” como determinações sociais; a considerar o papel do índio, da mulher e do negro na sociedade patriarcal etc.

Há muito o romance, assim, pode oferecer uma interpretação da vida coletiva no Brasil com base na leitura do social por meios não sociológicos, podendo sim oferecer subsídios para a compreensão e explicação científicas da sociedade brasileira. Entretanto, a sociologia (e as demais ciências sociais, a filosofia etc.), não obstante a propensão literária de muitos dos seus pioneiros, relegaram a contribuição da literatura, mormente do romance, na interpretação da vida e da formação social brasileira. Não bastasse, a cultura científica que se seguiu,

principalmente no seu aspecto acadêmico e institucionalizado, aprofundou o fosso entre a literatura e a sociologia, até como forma de afirmação do ofício e conquista de reconhecimento institucional, acesso a enclaves burocráticos, de financiamento e de legitimidade cultural. Segundo Candido (2010, p. 139-140), como consta da epígrafe deste estudo:

[...] a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. Pois ela foi menos um empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo à sua fraqueza. Basta refletir sobre o

papel
importantíssimo
do romance
oitocentista como
exploração e
revelação do
Brasil aos
brasileiros.

Assim o círculo se fecha, na tentativa de reintegrar a literatura e o romance à interpretação da vida social e política brasileira.

REFERENCIAS

1.ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

2.BRASIL MONÁRQUICO. *Declínio e queda do império*, v. 6. Escrito por Myran Elys [et al.]; introdução de Sérgio Buarque de Holanda. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História geral da civilização brasileira, t. 2, v. 6).

3.CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969. 2 v.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literárias*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. (Biblioteca universitária, série 2; ciências sociais, v. 49).

4._____. *O discurso e a cidade*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades: 1998.

5.CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem. Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

6._____; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Org.). *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

7.COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

8.FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. 2 v.

9._____. *A pirâmide e o trapézio*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

10.FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. (Biblioteca básica).

11.GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. *O Brasil imperial*, v. III, 1870 - 1899. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

12.HOLANDA, Aurélio Buarque de. (Org.). *O romance brasileiro* (de 1752 a 1930). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.

13.HOLANDA, Sérgio Buarque de. Inglês de Sousa: "O missionário". In: HOLANDA, Aurélio Buarque de. (Org.). *O romance brasileiro* (de 1752 a 1930). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952. p. 167-174.

14._____. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

15._____. *O Brasil monárquico*, v. 5: do Império à República. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (História geral da civilização brasileira, t. 2, v. 5).

16.LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Organização Leandro Konder, tradução Leandro Konder, Giseh Vianna Konder et alli. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968. (Biblioteca do leitor moderno, 58).

_____. *Introdução a uma estética marxista*: sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Lukács*. Org. José Paulo Netto, tradução José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ática, 1981. (Grandes cientistas sociais, 20).

_____. *A teoria do romance*: um ensaio histórico. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2ª reimpressão. São Paulo: Duas Cidades, 2006. (Espírito crítico).

_____. O romance como epopeia burguesa. In: _____. *Arte e sociedade*: escritos estéticos 1932-1967. Organização, introdução e tradução de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro:

Editora da UFRJ, 2009. p. 193-244.
(Pensamento crítico, 13).

17._____. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

18._____. *O romance histórico*. Tradução Rubens Enderle. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

19.MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira, v. IV (1877 – 1896)*. São Paulo: Cultrix, 1977.

20._____. *História da inteligência brasileira, v. III (1855 – 1877)*. São Paulo: Cultrix, 1979.

21._____. *História da inteligência brasileira, v. II (1794 – 1855)*. 3ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

22.MAZLISH, Bruce. *A new science: the breakdown of connections and the birth of sociology*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1993.

23.ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*.

5ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero, Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (Coleção documentos brasileiros, 24), 5 tomos.

24.SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Retratos do Brasil, v. 98).

25._____. *História da literatura brasileira*. 7ª ed. atualizada. São Paulo: Difel, 1982.

26._____. *O Naturalismo no Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

27._____. *Panorama do Segundo Império*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998. (Memória brasileira, 1).

28.VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

29.VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1909)*. 4ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1963. (Biblioteca básica brasileira, 3).

**Cronologia dos autores e romances
abordados²**

**Joaquim Manuel de Macedo (1820 -
1882)**

- 1844: *A Moreninha*
- 1845: *O moço loiro*
- 1869: *A luneta mágica*
- 1869: *As vítimas-algozes*

Bernardo Guimarães (1825 - 1884)

- 1872: *O Seminarista*
- 1872: *O Garimpeiro*
- 1875: *A escrava Isaura*

**Manuel Antonio de Almeida (1831 -
1861)**

- 1854-55: *Memórias de um sargento
de milícias*

José de Alencar (1829 - 1877)

- 1856: *Cinco minutos*
- 1857: *A Viuvinha*
- 1857: *O Guarani*
- 1862: *Lucíola*
- 1864: *Diva*
- 1865: *Iracema*
- 1870: *O Gaúcho*
- 1870: *A pata da gazela*
- 1871: *O tronco do ipê*
- 1872: *Til*
- 1872: *Sonhos d'ouro*
- 1874: *Ubirajara*
- 1875: *O Sertanejo*
- 1875: *Senhora*

Franklin Távora (1842 - 1888)

- 1869: *Um casamento no arrabalde**
- 1876: *O Cabeleira*
- 1879: *O Sacrifício*
- 1881: *Lourenço*

**Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843
- 1899)**

- 1872: *Inocência*
- 1875: *Ouro sobre azul*

**Júlio César Ribeiro Vaughan (1845 -
1890)**

- 1876-77: *O padre Belchior de Pontes*
- 1888: *A Carne*

² Por data de publicação inicial em livro. Alguns deles são considerados novelas (*).

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913)

- 1880: *Uma lágrima de mulher*
- 1881: *O Mulato*
- 1884: *Casa de pensão*
- 1884: *Filomena Borges*
- 1887: *O Homem*
- 1890: *O Cortiço*

- 1876: *Helena*
- 1878: *Iaiá Garcia*
- 1881: *Memórias póstumas de Brás Cubas*
- 1885-6: *Casa Velha*³
- 1891: *Quincas Borba*
- 1900: *Dom Casmurro*
- 1904: *Esaú e Jac*

Inglês de Sousa (1853 - 1918)

- 1877: *Coronel Sangrado*
- 1888: *O Missionário*

Raul Pompéia (1863 - 1895)

- 1882: *As joias da coroa**
- 1888: *O Ateneu*

Adolfo Caminha (1867-1897)

- 1893: *A Normalista*
- 1895: *Bom Crioulo*

Oliveira Paiva (1861 - 1892)

- 1889: *A Afilhada*
- 1892: *Dona Guidinha do Poço*

Rodolfo Teófilo (1853 – 1932)

- 1890: *A Fome*
- 1899: *Violação**

Machado de Assis (1839 - 1908)

- 1872: *Ressurreição*
- 1874: *A mão e a luva*

³ Publicado na revista *Estação* entre 1885 e 1886, mas em livro somente em 1944, todavia, alguns comentaristas, analisando o texto, acreditam que a produção seja de antes de 1880, o que nos parece bastante plausível.